



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

UM ESTUDO DOS POSSÍVEIS ESTIGMAS SOBRE O PROFESSOR SURDO UNIVERSITÁRIO

EMMANUELLE FÉLIX DOS SANTOS

EIXO: 4. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

RESUMO

Este artigo objetiva investigar os possíveis estigmas existentes em relação aos professores surdos universitários usuários de Língua Brasileira de Sinais (Libras). A partir dos estudos de Goffman (1988); Faggion (2010); Diniz, Barbosa e Santos (2009) e, de dados coletados através de entrevista com três professores surdos de universidades públicas da Bahia. A inserção de professores surdos usuários de Libras nas universidades se deu frente a determinação da Lei nº. 10.436/02 e do Decreto nº. 5.626/05 de incluir a Libras como componente curricular obrigatório nos cursos de licenciatura. Esses documentos criaram uma abertura política possibilitando uma maior inserção de professores surdos nas universidades. O surdo, historicamente, é caracterizado por atributos indesejáveis tornando-o diferente ou "anormal", desse modo, sua inserção na universidade pode ocasionar situações de preconceitos decorrente dos estigmas designados. Assim, por meio deste estudo podemos evidenciar que os professores surdos sentem-se inseguros frente ao contexto de ser professor e que precisam reafirmar a sua língua como forma de superação frente ao estigmas.

Palavras-chave: Estigma; Professores universitários surdos; Libras.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the possible existing stigmas regarding university teachers deaf users of Brazilian Sign Language (Libras). From the studies of Goffman (1988); Faggion (2010); Diniz, Barbosa and Santos (2009), and data collected through signaled interview with three deaf teachers

of public universities of Bahia. Entering Libras users deaf teachers in public universities of Bahia took forward the determination of Law. 10.436 / 02 and Decree no. 5,626/05 to include the Libras as mandatory curricular component in undergraduate courses. These documents have created a political opening allowing greater integration of deaf teachers in universities. Deaf historically is characterized by undesirable attributes making it different or "abnormal", thus its inclusion in the university may cause prejudice to situations arising from designated stigmas. Thus, through this study we show that deaf teachers feel insecure outside the context of being a teacher and need reaffirms its language as a way to overcome against the stigmas.

Keywords: Stigma; Deaf university professors; Libras.

1- CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Os surdos, devido a sua privação auditiva, foram considerados seres incapazes de falar e, concomitantemente, de pensar. Vários foram os designos atribuídos aos surdos e, muitos estão relacionados com a sua forma de comunicar. Por isso, ao discutir surdez, consequentemente, temos que discutir a sua forma de estar no mundo, ou seja, de se expressar.

No percurso histórico dos surdos a forma de se expressar causou intrigas `as pessoas ouvintes que, tentaram desenvolver a oralidade e audição destes sujeitos para torná-los normais. Assim, conclui-se que uma pessoa sem audição em nossa sociedade é uma pessoa diferente, ou seja, foge dos padrões normais, que é ouvir.

Goffman (1988) ao abordar os atributos que categorizamos às pessoas discorre que eles surgem do convívio social nos diversos ambientes quando nos encontramos e relacionamento com o "outro". Nesse encontro prevemos categorias e relacionamos atributos que os tornam diferentes e, quando este diferente se assume como tal, se torna possuidor de uma identidade social[i] diferenciada.

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem [...]. (GOFFMAN, 1988, p. 12).

Assim, de acordo com Goffman, a sociedade divide as pessoas em categorias e atributos que os tornam diferentes dos outros, designados de *estigma*. Desse modo, estigmas são traços capazes de discriminar as pessoas e torná-las inferiores e anormais. É sobre estes estigmas que abordaremos neste estudo, por entender que os surdos já carregam em si estigmas e, conseqüentemente, acarretam em sua vida profissional preconceitos e/ou sentimentos de impotência ou de superação.

É possível que, a inserção do professor universitário surdo, por se comunicar através da Libras, uma língua diferente e, por perceber o mundo pelo campo da visão e não auditivo, ocasionem em seus alunos, colegas e demais servidores ouvintes das universidades um estranhamento e o desenvolvimento de crenças depreciando o professor surdo e sua língua.

Intrinsecamente a discussão sobre língua surge ao estudar a história do surdo porque sempre que a Língua de Sinais (LS) foi aceita socialmente, os surdos passavam a ter um prestígio social, ou seja, saíam da marginalidade para se tornarem aceitáveis. Podemos identificar uma evidência desse fato na afirmativa de Sacks (1989) ao considerar que o século XVIII foi o período mais fértil para os surdos porque houve um grande investimento em sua educação que na época era baseada, principalmente, no desenvolvimento de uma língua sinalizada. Ao recordar este período o autor o compara como uma época áurea para os surdos onde se:

Testemunhou a criação de escolas para surdos, de um modo geral dirigidas por professores surdos, em todo o mundo civilizado, a saída dos surdos da negligência e obscuridade, sua emancipação e cidadania, a rápida conquista de posições de eminência e responsabilidade- escritores surdos, engenheiros surdos, filósofos surdos, intelectuais surdos antes inconcebíveis, tornara-se subitamente possíveis. (SACKS, 1989, p. 37).

Podemos perceber que, antes da proibição da LS, fato ocorrido no II Congresso de Milão[ii] em 1880, os surdos tinham acesso a profissões e espaços outrora negados frente a sua condição de deficiente. Contudo, após a deliberação de não utilizar a língua de sinais, aos poucos, os surdos foram extintos socialmente destes espaços.

No Brasil, essa proibição permeou até meados do século XX, pois, desde o referido congresso, o Instituto Nacional de Surdos e Mudos (INSM), atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), aderiu à tendência educacional mundial e extinguiu a Língua de Sinais do seu processo educacional (GOLDFELD, 2002), tornando-a invisibilizada e colocando os surdos, seus usuários, em condição de desprestígio social e linguístico.

É somente com o reconhecimento da Libras através da Lei nº. 10.436 em 2002 que a condições do

surdo no Brasil começa a dar "passos" e ganhar uma maior visibilidade, inclusive sua inserção como professores no Ensino Superior, situação até então "estranha" no Brasil. Desse modo acreditamos que o reconhecimento da Libras e do surdo como um sujeito bilíngue pode diluir estigmas e, quiçá, possibilitar um outro olhar do ouvinte sobre sua condição de ser e ver o mundo.

Assim, ratificamos que a autonomia linguística e a inserção da Libras como componente curricular no ensino superior possibilitou uma abertura política para a atuação de surdos como professores, conforme existiu no século XVIII na Europa e século XIX no Brasil, através da representação e atuação do professor surdo francês Huet[iii].

Precisamos perceber que, a inclusão do componente curricular Libras, em caráter obrigatório, em todos os cursos de licenciaturas, em nível médio e superior, bem como nos cursos de Fonoaudiologia e Educação Especial, e em caráter optativo, nos cursos de bacharelados (BRASIL, 2005) cria a possibilidade de uma outra visão sobre o surdo e, possibilita que os surdos professores possam narrar suas histórias.

Emergidos nesse contexto adentramos neste estudo indagando: Quais os possíveis estigmas os professores surdos universitários sofrem na sua atuação em instituições públicas de ensino superior na Bahia?

Assim, o estudo em questão tem como objetivo investigar os possíveis estigmas que os professores universitários surdos usuários de Libras sofrem. Para cumprir o objetivo posto foi utilizado como referencial teórico os estudos de Goffman (1988); Faggion (2010); Diniz, Barbosa e Santos (2009) e outros e, como instrumento de coleta de dados realizamos entrevistas com três professores surdos que atuam nas seguintes universidades públicas da Bahia: a) Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); b) Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB); c) Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

A escolha destas instituições ocorreu mediante pesquisa na internet sobre a aprovação e atuação de professores surdos nas Instituições públicas de Ensino Superior no estado da Bahia. Assim, após identificação dos três professores entramos em contato por e-mail e fizemos o convite para contribuir com a referida pesquisa. Após a aceitação do convite, apresentamos o termo de consentimento livre e esclarecido e disponibilizamos as questões por e-mail, que foram respondidas através de vídeos em Libras.

Os vídeos foram traduzidos para Língua Portuguesa e analisados pela pesquisadora que tem proficiência na língua em questão. As questões versaram sobre a concepção sobre a surdez; preconceito e se já foram acometidos de estigmas no trabalho, temas que serão analisadas no decorrer da pesquisa.

Os professores participantes desta pesquisa foram referenciados por personalidades surdas que se destacaram historicamente, a saber, *Huet*; *Hellen Keller* e *Laborit*.. Todos os professores são surdos, baianos, usuários de Libras e ingressaram nas universidades para atuar na área de Libras. Assim, esta pesquisa tenta discutir a temática através de uma reflexão sobre estigmas e as concepções designadas ao surdo e consequentemente, a Libras, pontuando as consequências dessas concepções para os sujeitos surdos. Em seguida, apresenta uma análise dos sujeitos sobre possíveis estigmas sofridos em seu local de trabalho. Por fim, apresentamos as conclusões sobre o referido estudo.

2-DO ESTIGMA AO PRESTÍGIO LINGUÍSTICO DA LIBRAS: O SER SURDO

Em seus estudos sobre estigma Goffman (1988) inicia o conceito nos apresentando a sua construção em três momentos distintos. Inicialmente expõe a concepção dos gregos que, por terem muito conhecimento acerca dos recursos visuais criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais que evidenciavam, nos sujeitos, *status* sociais. Assim, faziam cortes ou colocavam fogo no corpo para demarcar as pessoas como escravos, traidor ou alguém que deveria ser excluído.

Posteriormente o autor expõe a concepção de estigma da era Cristã descrita em duas perspectivas. A primeira era de que os sinais corporais representavam a graça divina e, em seguida, de maneira contraditória, de que era sinais de distúrbios físicos. Conclui que, na concepção atual, o terceiro momento, a evidência do termo está atrelada ao campo moral ou social, ou seja, refere-se a atributos indesejáveis que torna o indivíduo diferente dos outros e indesejável.

Em todos esses exemplos de estigma, entretanto, inclusive aqueles que os gregos tinham em mente, encontram-se as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. (GOFFMAN, 1988, p. 14).

Assim, podemos conceber o estigma como um traço demarcado antecipadamente no indivíduo sem que este tenha condições de mostrar seus reais atributos e, consequentemente, este traço lhe impõe a atenção e a exclusão. Assim, segundo Goffman (1988), os que não possuem esses traços serão os normais, pessoas capazes de discriminar, e os que possuem, poderemos neste contexto denominar de anormais.

Nesse íterim, os surdos, sujeitos privados da audição, serão considerados socialmente anormais,

ou seja, não é completamente humano. E este atributo lhes conferem sentimentos comuns aos estigmatizados. Para o autor Goffman (1988), os estigmatizados tendem a desenvolver as mesmas crenças dos sujeitos normais ou seja, a se considerarem normais e que o estigmatizador é que não é completamente humano.

Para além, os estigmatizados frente aos normais (ou estigmatizador) também podem desenvolver sentimentos de angústia, inferioridade, vergonha, autodepreciação. Quando interiorizado os estigmas, os estigmatizados podem tentar corrigir seus defeitos (estereótipos) através de cirurgias, a exemplo do Implante Coclear (IC) e uso de Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI) pelos surdos, ou até mesmo o uso da Libras pode ser considerado um meio de resolver a questão da oralidade (e não da construção de uma identidade).

Também o estigmatizado pode tentar corrigir sua situação tentando superar uma área de atividade ou conhecimento considerado pelo estigmatizado como impossível à sua condição; ou até mesmo, considerar seu estigma uma benção divina para seu crescimento pessoal. Assim, são vários os sentimentos que brotam da relação estigmatizado com o "normal" e, estes sentimentos corroboram para o desenvolvimento de uma relação tensa, incerta e ambígua.

Destarte, nos interessa compreender como "o estigma e o esforço para compreendê-lo ou consertá-lo fixam-se como parte da identidade pessoal" (GOFFMAN, 1988, p. 76), ou seja, como o estigmatizado, e estamos nos referindo neste estudo especificamente aos surdos, desenvolve ao longo de sua vida estratégias para esconder ou eliminar os estigmas que lhes atribuíram e, se a sua autoafirmação enquanto surdo e não deficiente, e concomitantemente, a luta pelo reconhecimento de sua língua como uma construção identitária pode advir dessa relação.

Assim, como respostas aos estigmas, os surdos desenvolvem atitudes linguísticas para afirmar sua condição humana de ser. Compreendemos atitude "como uma postura que um indivíduo assume frente a algo. Consiste, geralmente, em uma reação voluntária favorável ou desfavorável em relação a um objeto real ou simbólico". (FROSI, FAGGION, DAL CORNO, 2010, p. 23).

Com base nos fundamentos de Grosjean (2001 apud FROSI, FAGGION, DAL CORNO, 2010, p. 23) podemos entender que as "atitudes linguísticas desempenham importante papel na vida dos usuários de uma determinada língua, com profundos efeitos psicológicos". Ele aponta em seus estudos várias consequências negativas a respeito da atitude linguística, as quais estão no contexto da relação entre os surdos e ouvintes, a saber: a) a restrição do uso da língua minoritária; b) que a língua majoritária é aprendida tanto pelo grupo majoritário quanto minoritário; c) que os falantes da língua minoritária se sentem inseguros sobre os conhecimentos de sua própria língua; etc.

Contudo, dentre estas consequências negativas, o autor Grosjean (2001) apresenta um aspecto

positivo: que "a consciência étnica provoca reforço da lealdade e solidariedade no grupo" (apud FROSI, FAGGION, DAL CORNO, 2010, p. 24). Desse modo, o "ser" de muitos surdos está atrelado a luta pelo reconhecimento de sua língua como uma atitude linguística positiva de enfrentamento aos possíveis estigmas que lhes atribuíram. O percurso trilhado pelos movimentos dos surdos transcorreu sempre na projeção de instituir legalmente a Libras, pois, para os surdos, a LS sempre foi mais que um sistema de regras abstratas; é o modo de ver e perceber o mundo e a si mesmo, de se tornar consciente, de transmitir cultura e ideologia.

Libras se torna uma ferramenta de empoderamento que permite ao surdo maior mobilidade e fluidez nas formações discursivas, como também fornece subsídios que o ajudam na constituição de suas identidades frente às imposições (culturas e outras) do ouvinte. (CHAVEIRO; BARBOSA, 2004, p. 1).

Pautados nas políticas de valorização da LS, os surdos têm objetivado reconstruir conceitos acerca da sua condição linguística. Devido à "representação do surdo como um doente dificultar a organização desses na reivindicação de seus direitos na escola, na mídia e nos lugares públicos" (LOPES, 1998, p. 111), os surdos têm defendido o direito de serem reconhecidos como surdos e como cidadãos capazes, como quaisquer outros.

Numa perspectiva cultural, a LS é uma marca de identidade que, para aqueles surdos usuários dessa língua, a sua construção de sujeito em um meio social será determinada pela sua relação com o outro, quer simbólica ou pragmaticamente, através da linguagem; e aí o componente Libras se justifica no cerne da discussão.

[...] a inserção da disciplina Libras na grade curricular dos cursos de licenciatura marca uma nova visão acerca do indivíduo surdo, a partir da divulgação de sua língua em um ambiente privilegiado e de acesso restrito a uma pequena parcela da população; a presença da Libras no espaço acadêmico eleva seu status e desmistifica alguns preconceitos. (SANTOS e CAMPOS, 2013, p. 240).

Nesse ínterim, a inclusão do ensino de Libras nos cursos de licenciaturas abre espaços para que surdos, prioritariamente^[iv], possam (novamente)^[v] atuar como professores e, assim, internalizar das novas concepções sobre a surdez.

A política de inclusão, seja através da inserção de surdos nas classes comuns ou através da institucionalização da Libras como componente curricular, possibilita o encontro do surdo com o ouvinte, o encontro com o "outro", da pessoa estigmatizada com os normais e, nessa relação ou convívio, há de se ter preconceitos, estranhamentos e, quiçá, a superação de exclusão ou repulsa

pelo diferente. Assim o papel do professor surdo universitário na atuação em cursos de licenciaturas é fruto de uma atitude linguística positiva e, pode se configurar como uma possibilidade de descolorir atributos relacionados historicamente aos surdos.

Assim, concluímos esse pensamento destacando que, os estigmas podem, no caso dos surdos, contribuir para a identificação do grupo enquanto sujeitos que possuem uma língua minoritária e, por isso, precisam se solidarizar-se para reforçarem seus sentimentos e atitudes marcadas pelo uso da Libras e pela construção de uma identidade visual inerentes a condição vital e cultural.

2.1 ATRIBUTO ESTIGMATIZADOR RELACIONADO AO SURDO

Ao abordar os estigmas designados aos surdos historicamente é importante fazer alusão à discussão de Gesser (2009) na obra *Libras:que língua é essa?*

crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda onde apresenta dezoito atributos negativos ao surdo e à surdez, frutos da concepção patológica. Não nos cabe neste texto fazer uma discussão de todos eles, por isso, destacaremos o atributo de que a surdez é uma deficiência.

Mas o que é deficiência?

Os estudos de Diniz, Barbosa e Santos (2009, p. 65) definem que "habitar um corpo com impedimentos físicos, intelectuais ou sensoriais é uma das muitas formas de estar no mundo". Assim, viver com uma privação sensorial, ou seja, a perda de uma audição é uma das formas de estar no mundo.

Nesse sentido, a deficiência deixa de ser vista como impedimentos, como um problema médico ou patológico para ser discutida como resultado da opressão, da "desigualdade imposta por ambientes com barreiras a um corpo com impedimentos" (DINIZ, 2009 apud Diniz, Barbosa e Santos, 2009, p. 65).

Assim, podemos dizer que surdez não se resume aos graus ou tipos de perdas auditivas, mas é um conceito que denuncia as barreiras sociais, atitudinais e de comunicação impostas a um corpo sem audição. A surdez, nesse contexto, é demarcada pelo viés político e cultural.

Contudo, nem sempre a surdez é demarcada por esse viés. Um exemplo é a descrição do Decreto nº. 5626/05 que determina no parágrafo único do Art. nº 2 que a pessoa surda é aquela que, independente da perda auditiva, utiliza da Libras para se comunicar, enquanto o Deficiente Auditivo (DA) são aquelas pessoas que possuem perda auditiva, apresentando conceitos dicotômicos sobre as terminologias: surdo e deficiente auditivo.

A destinação da denominação de surdo apenas para quem utiliza a Língua de Sinais tem causado

debates ideológicos entre os surdos usuários da Libras e os Surdos Usuários da Língua Portuguesa (SULP[vi]) e, pior, marcado a fragilidade do debate "ser surdo".

Essa fragilidade no documento legal demonstra que, apesar de toda a conquista de um grupo significativo de surdos, há outra parcela que insiste em declarar que estas políticas não tem respaldado suas necessidades de ir e vir. Os autores Torres, Mazzoni e Mello (2007), ao discutir sobre as necessidades dos surdos declaram que

devido às diferenças expostas, os recursos para acesso à informação e comunicação que são reivindicados pelos surdos oralizados, são diferentes daqueles outros em uso pelos surdos não oralizados [...] Estes reivindicam interpretes de língua de sinais enquanto os primeiros reivindicam a transcrição eletrônica, em tempo real (Torres, Mazzoni e Mello, 2007, p.376).

Ao problematizar a surdez não queremos preconizar distinção entre surdos oralizados e surdos não oralizados ou sinalizastes[vii], mas ratificar que não existe um modelo ou normalização de surdo. Em cada surdo há um mundo a descobrir e que, ser surdo é ter o direito de ser entendido dentro das suas potencialidades.

E aqui exortamos que, mesmo os surdos oralizados, usuários da Língua Portuguesa ou de Implantes Cocleares, são, de fato, surdos. A negação da surdez é sim um retrocesso a resistência aos direitos que lhe são devidos, direito de ter um ambiente propício ao seu desenvolvimento linguístico. E, nesse contexto, Skliar (2013, p. 11) exprime que "a surdez constitui uma diferença a ser politicamente reconhecida, a surdez é uma experiência visual; a surdez é uma identidade múltipla ou multifacetada e, finalmente, a surdez está localizada dentro do discurso sobre deficiência". Retirar o discurso da surdez no campo da deficiência é negar a necessidade de reparação da opressão que estes estigmatizados viveram e vivem e, as consequências desse estigma em sua vida social e psicológica.

Contudo, ao retomamos a discussão de Gesser (2009) sobre surdez ser uma deficiência veremos que, para os surdos a surdez não é uma deficiência, mas algo natural, positivo, que,

ser surdo entre os surdos é tão normal quanto é para a maioria ouvinte ser ouvinte [...]. A surdez como deficiência pertence a uma narrativa assimétrica de poder e saber; uma 'invenção/produção' do grupo hegemônico que, em termos sociais, históricos e políticos, nada tem a ver com a forma como o grupo se vê ou se representa [...]". (GESSER, 2009, p.

66-67).

As várias narrativas apresentadas pelos surdos em seu texto demonstram que a descoberta da surdez é, para muitos surdos, um aprendizado sobre o outro - o ouvinte- e não uma desgraça ou desajuste social e, que no grupo de surdos o estigmatizado ou anormal é o ouvinte que não usa a língua de sinais e, portanto, não consegue se comunicar e se inserir no ambiente.

3. ANÁLISE SOBRE OS POSSÍVEIS ESTIGMAS ENFRENTADOS PELOS PROFESSORES SURDOS UNIVERSITÁRIOS

Para construção de nossa análise acerca dos possíveis estigmas que os professores surdos universitários sofrem identificamos quatro aspectos relevantes, a saber: a) as concepções sobre preconceito[viii]; b) se já foram vítimas de preconceitos; c) se já sofreram preconceitos em seu lugar de trabalho; d) qual a sua concepção de surdo.

Ao questionarmos as concepções dos professores sobre preconceito podemos verificar que todos o relacionam a emissão de valores e crenças estereotipadas sobre o outro (sujeito).

Existem vários conceitos a essa terminologia. Podemos considerar como o jeito que as pessoas lhe julgam ou lhe tratam, de forma inferior, ou os termos que lhe designam. São vários os tipos de preconceito, por exemplo, existe o preconceito social; religioso; racial, linguístico, e nessa área podemos perceber o preconceito pelas pessoas que falam o português e de como elas vêem a Libras, de forma inferiorizada, com preconceito. Assim, existem vários conceitos em torno desse termo, mas o percebo como algo que nos coloca em situação de inferioridade sobre o outro. (HUET).

É você não ter valor; não ter um sentimento de empatia, mas de anulação ou exclusão do sujeito. Existe vários tipos de preconceito: de gênero (se é homem, mulher, LGBT); de religião; etc. (LABORIT).

Qualquer pessoa pode ter preconceito. Ao vermos as pessoas as caracterizamos de magras, gordas, negra, deficiente e, posteriormente começamos a emitir valor. Exemplo, as vezes as pessoas se referem aos negos como ignorantes (burros), ou que o magro é feio, que ser gordo é horrível. Estas palavras emitem preconceitos. Também ocorre com a língua dos surdos. As pessoas pensam que não é língua, mas gestos, pantomima, etc. Isso é preconceito. (HELEN KELLER).

Nas falas dos professores podemos compreender que possuem conhecimento sobre o que é ser estigmatizado e que o preconceito é um julgamento inapropriado que causa exclusão e marginalização. Nenhum faz referência ao (pre)conceito que concebemos sobre o outro, que pode ser positivo ou negativo, mas apontam apenas os aspectos negativos que emitimos sobre o outros. Talvez a própria constituição do sinal PRECONCEITO em Libras não permita pensar em preconceito positivo visto o sinal demonstrar *expressões faciais*[ix] e *movimentos* de negação e repulsa.

É interessante como a professora *Helen Keller* generaliza que todos podem ser preconceituosos. Isso a coloca no lugar de estigmatizador. Outro fator que nos chama a atenção é que tanto *Huet* como *Helen Keller* fazem relação do preconceito com a Libras. Para quem não utiliza o AASI, a Libras é o mecanismo visual de percepção da deficiência, no caso da surdez. Ao sinalizar, automaticamente, são generalizados como surdos e, este termo suscita preconceitos negativos que os inferioriza perante o ouvinte.

Quando questionados sobre situações de preconceito a professora *Laborit* afirmou que nunca sofreu, mas que estranha o jeito como seus alunos lhe percebem e considera essa percepção pelo fato de ser nova e não somente surda.

Não, nunca aconteceu nada comigo. Já aconteceu o que, no âmbito do meu trabalho, na universidade, meus alunos me olharem diferentes, estranhos, inusitados, apresentando uma ideologia de professor. Por exemplo, acham que meu jeito não se enquadra á concepção que eles tem de professor, mas que eu pareço uma aluna porque sou muito nova e surda. (LABORIT).

Já os outros dois professores, *Huet e Helen Keller*, relataram ter passado por várias situações conflituosas por serem surdos.

Várias vezes!!! Desde pequeno até hoje sempre sofri preconceitos. Quais preconceitos?

Tem vários!, por exemplo, primeiro porque sou surdo. As vezes as pessoas perguntam sobre minha voz , por que ela é diferente?

Eu percebo um distanciamento quando estas pessoas percebem que sou surdo. Também muitos amigos se afastam de mim devido minha surdez. Na escola também acontecia esse distanciamento. Quando paquerava uma pessoa e ela percebia que eu era surdo por falar diferente, automaticamente se afastava. São várias as situações , por exemplo, há dois anos na casa do meu vizinho, eu já vinha observando ele e identifiquei que sabia fazer portão, assim, chamei a esposa e solicitei que o vizinho fizesse um orçamento de um portão para minha casa. Assim, a noite, quando minha

esposa (ouvinte) já se encontrava em casa, o vizinho veio em minha casa para tirar a medida do portão, e eu fiquei aguardando o valor. Posteriormente, quando retornou para dar o orçamento minha esposa já não se encontrava e eu tentei oralizar com ele, aí ele percebeu que minha voz é diferente, me olhou de maneira estranha, meio que atordoado, perguntou por minha esposa e eu informei que havia saído. Aí, imediatamente, ele desconversou e saiu. E eu aguardo ele até hoje! Aí percebi que ele se afastou devido minha voz, as pessoas as vezes pensam que sou estrangeiro, me inferiorizam, eu sofro muito com estas questões. (HUET).

Sim. Quando vou em diversos ambientes, as pessoas começam a verbalizar para se comunicar e, assim que eu informo que sou surda, percebo uma risada, disfarçadamente, parecendo preconceituosa. Também com minha escrita, as pessoas não respeitam a interlíngua e falam que por ser surda não sei escrever, não sei português. A sociedade desconhece que a Língua Portuguesa é uma segunda língua para os surdos e que a Libras é a primeira língua e que por isso, nossa escrita se dá num processo de interlíngua, então sempre falam que tenho que estudar português, que preciso estudar português, pois não conhecem as características de minha escrita, não sabem que escrevo diferente do ouvinte. Outro exemplo é quando os ouvintes falam gritando mesmo sabendo que sou surda, chamando a atenção de todos. São diversas as situações de constrangimento, no momento recorro dessas. (HELEN KELLER).

Assim, podemos observar que *Huet*, ao tentar estabelecer uma comunicação com os ouvintes através da oralização era considerado um estranho e, por isso excluído. Sua voz anormal o caracterizava como um deficiente. Já *Helen Keler*, devido não oralizar mas tentar se comunicar com a escrita também é discriminada por não apresentar o português padrão. Estas questões sofridas pelos sujeitos surdos são debatidas por Gesser (2009) na obra referenciada.

Em relação aos preconceitos sofridos por serem professores surdos, questão de nossa pesquisa, podemos perceber que embora *Laborit* declare não sofrer preconceito na universidade, afirma que a Libras ainda é desconhecida e, por isso, ainda estigmatizada.

Nunca aconteceu nada. Só sinto uma inferioridade porque alguns professores estão no nível mais elevado e possuem mais experiência que eu; e eu, por ser muito jovem, me sinto isolada. Além disso, os alunos pensam que sou aluna e que não pareço ser professora. Contudo me sinto feliz porque estudo. idealizo. busco embasamento. trabalho. me esforço. me

relaciono bem no trabalho, sou uma profissional fluente, por isso, eu sinto que minha vida é uma consequência. Mas as vezes as pessoas tem preconceito, mas eu percebo que o preconceito é com a língua de sinais, parecem não aceitar a língua, porque nem todas as pessoas conhecem a Libras. (LABORIT).

A professora *Helen Keller* denuncia o sentimento de insegurança que advém da falta de comunicação com seus alunos. Ao comparar a relação do aluno com o professor ouvinte, a professora se percebe inferior e estigmatizada pela sua condição surda na sociedade ouvinte.

A maior incidência de estranhamento sobre o fato de eu ser professora ocorre com os alunos. Ao declara que sou professora muitos indagam sem acreditar. Dizem que sou jovem e não pareço ser professora. Também, no dia-a-dia, nos corredores, sinto que eles falam rapidamente, se afastam e construo a hipótese de que seja: a) com medo de mim, por ser surda; b) devido a dificuldade na comunicação; c) ou outro motivo que desconheço, peculiar ao aluno. [...] Eu observo e percebo que com o professor ouvinte é diferente, eles interagem e comigo não. Quando, por exemplo, comparam o aprendizado da Libras e da Língua Inglesa, sempre falam que a Libras é muito difícil e demonstram preferência pelo aprendizado do inglês. Por que será?

(HELEN KELLER).

O professor *Huet* retrata situações conflituosas, de espanto pela representação do professor surdo. Há ainda um sentimento de medo, estranhamento, de recusa sobre o professor surdo e da impossibilidade deste profissional assumir cargos.

Na universidade [...] já sofri muitos preconceitos por colegas, alunos e demais servidores. Por exemplo, sempre que vou na secretaria ou coordenação ou diretoria da instituição, as pessoas pensam que sou aluno e eu tenho sempre que explicar que sou professor surdo. Também acontece com os alunos, sempre que entro na sala tenho que explicar que sou surdo e professor. Os alunos ficam admirados ou espantados porque não estão acostumadas com a representação do professor surdo. Eu percebo que tem preconceito, que as pessoas ficam com sarcasmo, ou espantados, me olham com medo. Quando me dirijo pra conversar ficam tremendo, nervosos e, se afastam rapidamente, parecendo que sou de outro planeta, um

extraterrestre. Mas alguns alunos já se acostumaram comigo, já dialogam com mais tranquilidade. Contudo, onde mais encontro situações de preconceito são com meus colegas, pois não há diálogo, interação, apenas sarcasmos, sempre se perguntando: como pode um surdo ser professor?

Eu não percebo esses questionamentos como curiosidade e, sim, como negação de minha potencialidade. Há um tempo algumas pessoas me incentivaram a assumir a coordenação do curso, e eu aceitei, mas muitos questionaram como um surdo podia assumir tal responsabilidade, ocasionando muita discussão, debate e, rejeição. Percebi que o fato de ser coordenador ocasionou muitos sentimentos nos colegas, ficaram nervosos, apreensivos, não compareciam às reuniões. Então três meses depois, frente a esse contexto, eu entreguei a coordenação porque não conseguia interagir com os colegas, senti um preconceito enorme por parte dos mesmos. As vezes também quando eu levava algum problema para reunião, percebia que ficavam zombando e isso me deixa muito triste! (HUET).

Frente a estes sentimentos de inferioridade, insegurança e exclusão, questionamos aos professores como eles se vêem, ou seja, qual a concepção de surdo que possuem e, percebemos que não há a negação da surdez, ao contrário, apesar da estigmatização da Libras, salientam a necessidade que possuem de utilizá-la como expressão do ser.

Na minha perspectiva, ser surdo é usar a Libras; perceber o mundo pelo campo visual; possuir identidade e cultura surda. Não importa se este surdo é oralizado, bilíngue, ou que não oraliza e só utiliza a Libras, ou ambas as coisas, ou seja, utiliza tanto a oralização como a Libras. O mais importante é a aceitação da Libras, da cultura e identidade surda. Ter acesso as informações, poder interagir, lutar pelos seus direitos e conquistá-los! Existem pessoas surdas que não gostam da Libras caracterizadas como DA, e eu percebo que estas pessoas não referenciam a potencialidade da nossa língua. Os ouvintes e surdos são diferentes linguisticamente. O surdo percebe o mundo pelo campo da visão e, por isso, se expressa pela Libras e os ouvintes não. (HUET).

Sou surda, nasci surda, meu jeito é de surdo, minha cultura é de surda, minha identidade é surda, participo de comunidade surda. Sendo assim como posso definir o que é ser surda?

é o sujeito surdo de ser! Não é somente não poder ouvir ou ter perda de

audição, não! A surdez pode ser acometido por qualquer pessoa através de doenças como meningite, rubéola, etc. E quando nasci contrair a rubéola, assim fiquei surda. (LABORIT).

Não teve nenhuma causa ou motivo por ter nascido surda. Nasci com minha audição comprometida devido a meningite e, por isso, recebi o **estigma** de surda. Eu nunca ouvi, mas sou um sujeito constituído de identidade, cultura, língua e outros fatores inerentes ao meu ser, e me mostro pela minha língua, a Libras. (HELLEN KELLER).

Huet declara que existem vários surdos e faz relação com a discussão que existe entre surdo e DA sem, no entanto, discriminar. Ratifica em suas conclusões que, é a Libras que o diferencia dos ouvintes. No mesmo sentido *Laborit* tenta demarcar a surdez pelo viés cultural como forma de descolorir estigmas que possam existir sobre o surdo e sua língua. E a professora *Helen Keller*, utiliza em sua fala o sinal "marca" (interpretado como estigma) de surda por nascer sem audição, mas que o que a difere não é a perda auditiva, mas como se construiu ao longo de sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É indiscutível que o surdo é estigmatizado, ou seja, socialmente ele é um anormal. O encontro com o ouvinte lhe coloca numa condição de inferioridade, seja pelo modo de oralizar, sinalizar, de perceber o mundo. As falas dos professores demonstram que a forma como os ouvintes vêem a Libras é uma representação de como o surdo ainda é percebido. Há um estranhamento.

Consequentemente, a presença do professor surdo na universidade se torna algo menos desejável e ainda inseguro. Há ainda medos, hesitação nesta interação e, principalmente, estigmas para serem desmistificados com relação ao profissional surdo. A língua ainda é um empecilho na comunicação com o ouvinte.

Os relatos dos professores são de resistência, seja por serem jovens, não possuírem a mesma titulação que a maioria dos ouvintes ou não escrevem como os ouvintes. Têm ciência de que são estigmatizados, mas não tentam corrigir a surdez ou se vitimizar, ao contrário, permanecem afirmando a sua surdez como uma diferença linguística. Contudo, através das falas podemos perceber que, no contato com o estigmatizado, "os normais", os surdos se apresentam inconclusos sobre a perspectiva do outro, seja seu aluno ou colega de trabalho. Sentem que podem ser avaliados com sinais de incapacidade, numa relação de mal-estar, sensações sofridas e sentidas por quem é estigmatizado.

REFERÊNCIAS BRASIL, Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Paulo Renato Souza, 2002.

Disponível em:

<[http://](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm)

[www.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm)

[planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm)

[/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm)

>. Acesso em junho de 2012. _____. **Decreto n.º 5626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o artigo 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Fernando Haddad, 2005.

Disponível em:

<[http://](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)

[www.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)

[planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)

[/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)

>. Acesso em junho de 2012. CHAVEIRO, N.; BARBOSA, M. A. A surdez, o surdo e seu discurso. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 06, n. 02, 2004. Disponível em <[http://](http://www.rwvistas.ufg.br/index.php/fen)

[www.](http://www.rwvistas.ufg.br/index.php/fen)

[rwvistas.ufg.br](http://www.rwvistas.ufg.br/index.php/fen)

[/index.php](http://www.rwvistas.ufg.br/index.php/fen)

[/fen](http://www.rwvistas.ufg.br/index.php/fen)>. Acesso em 2 de maio de 2013. DINIZ, Débora; BARBOSA, Livia e SANTOS, Wedweson Rufino dos. **Deficiência, direitos humanos e Justiça.** SUR-Revista Internacional de Direitos Humanos. v. 6, n. 11, dez. 2009, p. 65-77. FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle O. M. Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI. In: In: FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle O. M. **Estigma: Cultura e Atitudes linguísticas.** Caxias do Sul, Rs: Educus, 2010. p. 15-42 GESSER, Audrei. **Libras: Que língua é essa?**

Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009. GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre manipulação da identidade deteriorada.** 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988. GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista.** 2ª ed. São Paulo: Plexus, 2002. LOPES, Maura Corcini. Relações de poderes no espaço multicultural da escola pra surdos. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998. SACKS, O. **Vendo Vozes: Uma jornada pelo mundo dos surdos.** Rio de Janeiro: Imago, 1989. SANTOS, Lara Ferreira dos; CAMPOS,

Mariana de Lima Isaac Leandro. O ensino de Libras para futuros professores da educação básica. In: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos (Org.). **Tenho um aluno surdo e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUSFCar, 2013. p. 219-236. SKLIAR, Carlos (Org.) **A surdez:** um olhar sobre as diferenças. 6ª. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. TORRES, Elisabeth Fátima; MAZZONI, Alberto Angel Mazzoni. e MELLO, Anahi Guedes de. **Nem toda pessoa cega lê em Braille nem toda pessoa surda se comunica em língua de sinais.** Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 369-385, maio/ago. 2007.

[1] A identidade social (virtual) são as características e exigências que fazemos ou prevemos do indivíduo. Quando esta identidade é de fato confirmada, ou seja, o indivíduo prova possuir estas características o atributos passa a ter a identidade social real . (GOFFMAN, 1988). [1] O II Congresso de Milão ocorrido em 1880 é memorado pelos surdos como um período tenebroso pois deliberou mundialmente pela proibição do uso da LS, desautorizando seu uso nos espaços públicos, inclusive nos espaços escolares. Ratificamos que nessa votação, os professores surdos foram proibidos de votar. Essa determinação foi incorporada por vários países, inclusive o Brasil que tinha iniciado o desenvolvimento da língua de sinais há vinte e três anos (apenas). [1] Edward Huet (1852) foi o professor surdos francês que fundou, no período do império de D. Pedro II, a primeira escola de surdos no Brasil, atual INES. [1] O Decreto nº. 5626/05 que regulamenta a lei da Libras determina no parágrafo primeiro do Art. 7º que as pessoas surdas terão prioridade para ministrar a disciplina Libras. [1] Esta expressão é utilizada para memorar que na história dos surdos já existiram professores em diversas profissões mas que após a proibição de sua língua muitos foram destituídos de seus empregos e espaços sociais. [1] Para mais conhecimento acerca do movimento dos SULP, visitar a página <<http://sulp-surdosusuariosdalingua.portuguesa.blogspot.com.br/2013/04/seminario-sobre-cultura-e.htm>

I
>. [1] Termo utilizado para surdos que expressam suas ideias e discurso através da Libras, e por isso, são sinalizantes. [1] Utilizamos o termo preconceito fazendo referência a estigma porque não conhecemos na Libras um sinal particular para expressar esse termo. O sinal de estima em Libras pode ser representando e interpretado como "marca" ou "símbolo", mas este sinal também pode denotar conceitos positivos e negativos. Assim, quando o professor surdo utilizou o sinal "marca" se referindo a traços que os identificam, traduzimos por estigmas. [1] As expressões faciais e os movimentos são parâmetros da Libras que constituem um sinal (palavra). As expressões na Libras, além de terem um valor gramatical, representam o valor emotivo. No caso do sinal preconceito, as expressões demonstram desprezo, repulsa.

(*) Professora Assistente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), coordenadora do Laboratório de Estudo: Análise e Aprendizagem da Língua de Sinais- AnALiSi. emmanuellefelix@ufrb.edu.br

.

Recebido em: 07/08/2016

Aprovado em: 10/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: